

25 DE JULHO É DIA DE LUTA! VIVAM AS MULHERES NEGRAS LATINO-AMERICANAS E CARIBENHAS!



Do mesmo modo que o Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março, o 25 de julho, Dia Internacional da Mulher negra latino-americana e caribenha, é mais uma data para reflexão e luta contra o machismo e o racismo, tão presentes na sociedade atual, mais ainda na brasileira, marcada pelo forte patriarcalismo.

Este dia marca uma barreira de resistência em uma maré de retrocessos, em especial com a aprovação, em 2017, da reforma Trabalhista ([Lei nº 13.467/17](#)), e a Previdenciária, que já passou no primeiro turno da Câmara dos Deputados.

Reformas: o ataque é ainda maior à mulher negra

Além de diminuir a diferença de idade mínima entre trabalhadores e trabalhadoras urbanos/as – antes da PEC 06/2019 eram, respectivamente, 60 e 65 anos, no RGPS; agora são 62 e 65 – a reforma da Previdência de Bolsonaro exige tempo mínimo de contribuição igual entre gêneros: 20 anos. Para a trabalhadora rural, o ataque é ainda maior, já que as idades mínimas são iguais em 60 anos. Não resta dúvida de que as mulheres, as negras em especial, [serão as mais afetadas pela reforma da Previdência](#).

A idade mínima garante o menor valor possível para uma aposentadoria, isto é, um salário mínimo. Para obterem a aposentadoria integral, ou seja, 100% do benefício, as mulheres precisam contribuir, assim como os homens, por 40 anos, desconsiderando que elas cumprem jornadas duplas e muitas vezes triplas.

Uma pesquisa do IBGE realizada este ano revelou que as mulheres dedicam, em média, [o dobro de horas em afazeres domésticos do que os homens](#), fazendo cair por terra o discurso de que homens e mulheres “modernos” dividem igualmente as tarefas dentro das casas brasileiras.

No mercado de trabalho, a desigualdade é ainda maior. Mesmo com diploma de ensino superior, [a diferença salarial entre um homem branco e uma mulher negra é de 43%](#) para funções correlatas, como demonstrou uma pesquisa do Instituto Locomotiva.

Esse cenário se agravou ainda mais com a reforma Trabalhista, aprovada em 2017, na gestão Temer. As mulheres negras, em especial de baixa escolaridade, [foram as que mais perderam direitos com a sua promulgação](#), por estarem, em sua maioria, em postos precarizados de trabalho – empregos domésticos, por exemplo –, tornando-as mais frágeis diante da “flexibilização” de direitos sociais.

Luta e resistência: único caminho possível

Diante de todos esses ataques, culturais, sociais, e, com um governo abertamente racista e machista, institucionais, o único caminho possível à mulher negra brasileira é o da resistência. A luta é diária, e a classe trabalhadora ainda tem muito a aprender e somar com as mulheres negras, que ajudam a sustentar este país multicultural.

Não existe caminho fácil ou receita pronta, mas há exemplos a serem seguidos.

Em 25 de julho de 1992, um grupo de mulheres negras organizou o primeiro Encontro de Mulheres Negras Latinas e Caribenhas, em Santo Domingo, na República Dominicana, em que discutiram sobre machismo, racismo e formas de combatê-los.

Deste evento, surgiu uma rede de mulheres que permanece unida até hoje, bem como nasceu a ideia do Dia da Mulher Negra Latina e Caribenha, lembrado todo 25 de julho, [data reconhecida pela ONU ainda em 1992](#).

No Brasil, a data foi instituída em 2014, com uma peculiaridade: 25 de julho é também o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, em homenagem à [líder quilombola que viveu no século XVIII e que foi morta em uma emboscada](#).

Na vida e no trabalho, resistir é preciso. É preciso, a cada dia, ser como Tereza, Dandara, Maria Felipa, Luíza Mahins, Marielle Franco. É preciso ser como milhões de mulheres negras anônimas que carregam esta luta no peito, no Brasil, na América Latina, no mundo.

VIVAM AS MULHERES NEGRAS LATINO-AMERICANAS E CARIBENHAS!

VIVAM AS MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS!

Brasília, 25 de julho de 2019

Secretaria de Gênero, Raça e Classe
Plantão da Diretoria Colegiada

FENASPS